

Editorial

Este número especial da Revista Ambiente Construído apresenta um conjunto de sete artigos sobre a avaliação de desempenho do ambiente construído, desde a etapa pré-projeto (incluindo planejamento e programa de necessidades) até a etapa de pós-ocupação, dando continuidade ao V6 N3, lançado em dezembro de 2006.

São reunidos artigos de autores brasileiros e também do Canadá e dos EUA, os quais apontam para a existência de uma densa trajetória e exploração, nos últimos dez anos, de multi-métodos para avaliar o desempenho de ambientes em distintas escalas – do urbano ao edifício – na busca de critérios ou de parâmetros que caracterizem a qualidade dos mesmos. Estes artigos resultam da realização de pesquisas oriundas de várias áreas do conhecimento, incluindo engenharia civil, engenharia ambiental, arquitetura, urbanismo, psicologia ambiental e ciências sociais, refletindo o caráter multi-disciplinar deste tema.

Os artigos enfatizam o ponto de vista do usuário (ou do futuro usuário) na avaliação do ambiente construído, quando destacam, por um lado, a avaliação pré-projeto (APP), o programa de necessidades, o projeto participativo e, por outro, a avaliação pós-ocupação (APO) e suas possibilidades metodológicas, no que diz respeito à pesquisa participante ou, mais especificamente à observação incorporada. Também destacam o relevante campo da sustentabilidade, as teorias aplicáveis para análises de áreas frágeis e assentamentos de risco e as demandas prementes de indicadores locais e nacionais para orientar corretamente o setor da construção civil. Finalmente, este número inclui um artigo que discute métodos para avaliação de desempenho no que diz respeito à segurança contra incêndio, tema este ainda insuficientemente considerado nas pesquisas acadêmicas relacionadas à construção civil no país.

No primeiro artigo, Sanoff, da North Carolina State University, EUA, descreve as etapas de APP e de APO de uma escola, num trabalho conjunto comunidade-universidade, e analisa em que medida o programa de necessidades se materializou num edifício capaz de dar respostas adequadas ao projeto pedagógico, lembrando sempre as demandas contemporâneas de “espaços para o aprendizado” e não de “simples salas de aulas”.

Vischer, da University of Montreal, Canadá, no segundo artigo, sob o enfoque da psicologia ambiental, destaca a importância do conceito de conforto ambiental na análise de indicadores de produtividade no ambiente de trabalho, considerando a satisfação e o bem-estar dos usuários. Para tanto, aborda três níveis de conforto determinantes das condições mínimas de habitabilidade: o físico, o funcional e o psicológico.

No terceiro artigo, Rheingantz e Alcântara, da UFRJ, realizam uma ampla discussão sobre os conceitos da cognição experiencial e da observação incorporada, à luz dos trabalhos de Humberto Maturana e de Francisco Varela. No cerne da referida discussão, com forte embasamento teórico, estão os procedimentos tradicionais para aplicação das após, no que diz respeito às observações de comportamento e às medições de satisfação dos usuários. Neste trabalho, os autores debatem estes procedimentos, procurando analisar as relações nem sempre tão objetivas, racionais e distanciadas entre observador e observado.

No quarto artigo, Silva, da UNICAMP, discute a definição de indicadores de sustentabilidade para os edifícios no Brasil. Faz uma ampla descrição e análise sobre indicadores internacionais, tais como CIB W82; *Green Building Challenge* (GBC); CRISP; ISO TS 21929; LEED; HKBEAM; OECD e outros. A autora aponta os avanços na área de avaliação ambiental no Brasil, considerando as pesquisas acadêmicas em curso, envolvendo todo o ciclo de vida do edifício, desde o planejamento de novos edifícios, passando pela avaliação de edifícios existentes (APO), projetos de *retrofits* e reabilitações até o projeto da chamada “deconstrução” e disposição final.

No quinto artigo, Moscarelli, Sattler, Fedrizzi e Schmitt, da UFRGS, analisam o potencial da aplicação da *grounded theory* no estudo das intervenções possíveis em assentamentos habitacionais precários situados em áreas frágeis do ponto de vista da sustentabilidade. É apresentado um estudo de caso realizado na Ilha do Grande dos Marinheiros, em Porto Alegre, RS. Os autores discutem os benefícios da escolha do método, salientando o seu elevado grau de adaptabilidade neste estudo.

No sexto artigo, Pizarro, da UNICAMP, e Souza, da UNESP, relatam um estudo sobre o conforto lumínico em salas de aulas em três escolas situadas e aplicam duas ferramentas computacionais, a extensão *3DSky View*, para obter o fator de visão do céu (FVC) e as redes neurais artificiais, para modelagem das relações entre as variáveis levantadas. Os autores discutem este requisito de desempenho em ambientes escolares, com destaque para a qualidade e a intensidade da iluminação, especialmente a natural, o qual tem grande impacto nos níveis de aprendizado, e destacam o potencial e as limitações das ferramentas utilizadas.

No último artigo, Ono, da USP, propõe diretrizes de projeto relacionadas a um outro importante item de desempenho, a segurança contra incêndio para o caso de edifícios altos. Descreve as medidas de proteção passiva e de proteção ativa e os procedimentos para avaliação destas. Aborda também estas medidas sob os enfoques que os arquitetos e urbanistas devem considerar, desde a implantação no lote, do projeto da edificação e do projeto paisagístico.

O leque de conceitos, teorias e procedimentos metodológicos apresentados neste número, alguns deles adaptados de outros campos do conhecimento, tais como a *grounded theory*, as redes neurais artificiais e a observação incorporada, dentre outros, abrangendo análises qualitativas e quantitativas, indicando que, em termos de métodos, técnicas e ferramentas, há uma grande efervescência de estudos em curso, com muitas possibilidades e mas com limitações, apontadas pelos autores. Algumas destas visões são convergentes, enquanto outras são complementares. Espera-se que parcelas destas pesquisas e outras em curso no país possam resultar em iniciativas de pesquisa mais amplas, através da formação de redes, gerando desdobramentos quanto a procedimentos metodológicos aplicáveis nacionalmente.

Sheila Walbe Ornstein

Co-editora convidada

Professora da FAU-USP

Carlos Torres Formoso

Editor-chefe

Professor do NORIE-UFRGS